ANO II — Lisboa—Sexta-feira, 13 de Setembro, de 1918 — N.º 466

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e Typografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 43

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

UM EXEMPLO!

Passa-se o caso em Inglaterra.

Um constructor naval fecha contracto com o governo, afim de lhe entregar dentro dum certo prazo, determinado numero de barcos. Pouco tempo antes de findar o prazo marcado para a entrega da encommenda, os operarios declaram-se em gréve, reclamando aumento de salario. Tendo todo o capital empatado nesta empreza, e feitos os calculos para encerramento do contracto com os salarios ao preço a que estavam, encontrava-se o industrial na impossibilidade de acceder a nova despeza.

Por outro lado, trazia-lhe a gréve a paralisação da obra, impossibilitando-o de cumprir com o pactuado acerca da entrega dos barcos dentro do prazo, e sujeitando-o ao pagamento duma multa que aumentaria proporcionalmente ao atrazo. Nesta situação apelou o industrial para o sindicato operario, submetendo-se á sua decisão.

Esta não se fez esperar.

Ouvidos os trabalhadores e ouvido o patrão, depois de verificadas as condições do contracto e lucros provaveis, entendeu o sindicato obrigar os seus membros, não só a continuarem trabalhando pelo preço antigo, como tambem a pagarem uma indemisação ao proprietario pelo prejuizo que a paragem do trabalho durante alguns dias lhe trouxera. Não contente com isto, concluiu a sua admiravel sentença expulsando do sindicato os provocadores da gréve, e proibindo-os de entrarem em qualquer organização similhante, formada naquele ramo de industria, durante um anno.

Basearam os juizes operarios esta sua resolução em razões de ordem economica e moral.

Pertenciam ás primeiras o justo e remunerativo salario recebido pelo operario n'esse momento. A' segunda o fim puramente gananciozo do movimento, com a agravante do meio de *chantage* empregado para obrigar o patrão a ceder ao seu ultimatum, sob pena de faltando aos seus compromissos com o governo, ser forçado a pagar uma elevada multa.

Mas acima de todas estas nobilissimas idéas, uma, a decisão do sindicato erguia, destacando-a como se, só ela bastasse para explicar a sua attitude.

A Patria está em guerra, dizia, e atravessando as horas mais duras da sua vida. Todo este sacrificio é ditado pela defeza do nosso commum patrimonio. O trabalho nas trincheiras e o trabalho nas fabricas é egual, porque tudo é trabalho para a Victoria, o que equivale a dizer, para o nosso interesse geral.

O operario que por uma simples e demais injusta reclamação de aumento de salario se recusa a trabalhar numa obra de interesse patrio, compara-se ao soldado que se recusasse a marchar para o fogo porque o cafe da manhã não estivesse bastante quente. Coloca o proprio e mesquinho bem, acima do bem dos seus irmãos e dos seus filhos, e o seu lugar não deve ser numa agremiação cujo principio basilar é a idéa de collectividade. Foram mais ou menos estas as elevadissimas palavras com que o sindicato, operario — é bom notar — resolveu a contenda, castigando os culpados dum acto que desprestigiava a classe, e fazendo justiça a quem a merecia.

Este caso, e outros identicos, revelam-nos um estado do pensamento operario em nações mais civilizadas que a nossa, que deveria impressionar fortemente os dirigentes do proletariado organizado, que adoptam como norma de conducta a defesa sistematica dos actos dos associados, sejam estes de que natureza forem.

Nada póde haver de mais reprecensivel no seu aspecto social, e de mais nocivo á propria associação sob o ponto de vista do interesse sindicalista.

Os homens entrando num sindicato de officio, não perdem os sentimentos individuais que os dominavam.

Ha-os bons, assim como os haverá maus. Todas as suas acções não podem ser patronadas e defendidas pelos directores da associação.

Se assim fosse a grande parte dos sindicaros ver-se-hia, por exemplo, forçada a defender o alcoolismo e todas as más acções que sob a influencia deste flagelo cometem os trabalhadores, pela rasão de muitos dos seus associados serem victimas desse vicio.

Seria um absurdo, semelhante attitude.

As instituições que pretendem atingir um fim de justiça, teem necessariamente que começar fazendo justiça dentro do seu aglomerado social. E nós não compreendemos a execução da justiça, sem a existencia duma noção rigida e nitida da distinção entre o bem e o mal.

Uma das coisas que mais nos prende nas organizações operarias dos povos cultos, onde a idéia sindicalista atinge grande desenvolvimento, é a preponderancia do fim moral sobre o material. Alcançar as reivindicações, que o proletariado considera como imprescindiveis ao seu bem estar, é evidentemente um dos mais importantes objectivos destas associações. Mas os meios empregados, e a escolha das circunstancias de tempo são por igual, factores de grande releyo no juizo dos dirigentes.

Para o operariado das nações civilizadas, na lucta das classes, como em toda qualquer lucta, não desaparece a humana distinção do justo e do injusto.

Um acto mesquinho, por ser colectivo, não deixa de ser mesquinho. Só a democracia, na imoralidade dos seus conceitos atribue infallibilidade moral e intelectual ás collectividades que a representam. Por isso o mundo não se esquecerá facilmente das imbecilidades, que á guisa de idéas novas lhe retrogaram o seu progresso organico e natural. Basta conservar como exemplo de quanto podem ser nefastos aos homens os paradoxos baloiços de pensadores de aventura, as noções de Soberania Nacional e de Egualdade, como demiurgios escarnecendo da inteligencia e do estudo duma epoca. Nas horas dolorosas que o mundo atravessa, e em que as duras realidades da vida pozeram os homens mais em contacto com os factos, arrancando-os ás concepções optimistas de seculo 18, estes num gesto de instincto abraçam de novo, aquilo que forçadamente haviam repudiado. O pessimismo religioso do seculo 17, e todas as suas ilações moraes e sociaes, ganha terreno diariamente nas massas que a intensidade da lucta acordou dum sonho pervertedor. A primeira das realidades que encontram na sua frente, a vida, é como é, e não como o racionalismo especulativo dos filosofos do seculo inutil a idenisara. O contraste entre as palavras, com que a democracia, tenta num desespero de agonia, salvar o seu corpo de doutrinas, e a acção que a vontade de vencer a obriga a executar na guerra é visivel, e por certo desvendará o olhar daqueles que um exagero optimista, é uma credulidade infantil, atirara nos seus campos.

E não será uma das mais insignificantes lições deste conflito.

O optimismo — base do socialismo, do anarquismo e de varias subdivisões destas doutrinas — é claramente pacifista. Pretende ser a bondade o fundo da natureza humana, e é sobre tal que erige as suas idealisações. E' do pacifismo que vem a situação falsa, e a diversidade d'attitudes, que as democracias e as doutrinas que dela proveem, tem tomado nestes anos de luta, como alguem que vê as suas asserções constantemente desmentidas pelos acontecimentos e procura equilibrar-se, torcendo as teorias, já que não póde torcer os sucessos.

Todos se recordam do conflito em que se debateu o elegante epicurismo de Anatole France ao vêr os horrores da invasão germanica na sua Terra. O anarquista da «Ile des Pingouins» emudeceu de principio, atonito, ao revelarem-se-lhe aspectos novos da vida que tanto examinara, e da natureza humana que tanto enaltecera. Pouco depois, e pela primeira vez, a sua pena cantava nas revistas literarias e politicas um hino ao dever nacional, á guerra, e ás aspirações do patriotismo francez.

O antimilitarista pregava o militarismo; o pacifista entusiasmava á guerra, e o justo — na concepção anarquista — aprovava a anexação das provincias disputadas e clamava o odio ao invasor.

Como andamos longe d's conversas do interessante Bergeret.

Mais uma vez o sofrimento colectivo da raça, despertou, numa consciencia que a obscecação do classicismo desnacionalizara, a verdade nacionalista.

E quando isto acontece aos pensadores, á quem as ideias seduzem e os factos aborrecem, o que se passará com os homens a quem a timidez mental só permite vêr dos acontecimentos que passam, o aspecto mais material: — o facto?

Que crédito darão ao pacifismo os heroes do Marne e do Somme?

Como fazer anti-militaristes creaturas em cujo peito se baloiça a cruz de guerra que as muditões olham com respeito e devoção?

Que noção hão de ter da bondade instructiva da alma humana, os homens que ao ouvir silvar entre os dentes do official a ordem de avançar, saltam das trincheiras sentindo latejar nas veias um sangue que quer sangue, e os nervos contraidos num desejo de matar, de saciar os impetos bestiaes de chacina, que constituem o fundo da sua natureza, e que só as leis moraes e civis manteem dominados?

Pois se eles viram, que é justamente esse fundo mau e necessario do ser, que foi cantado, como o valor da raça! Se foi a *ele que* atribuiram a honra suprema de ter salvo uma civilisação! Grande lição tem a humanidade nestes mezes amargos das trincheiras. Vae-se mezes amargos das trincheiras. Vae-se com o fumo dos canhões a visão optimista duma existencia que sonhára doce e tranquila, fóra dum ideal extra terreno. E em seu lugar ergue-se o clamor immenso dos que viram a vida na nudez das realidades, dirigindo-se numa ancia de proteção ao divino Protector, que o soffrimento lhes revela.

Dispensam-se as ilusões dos homens; renasce a fé em Deus. Se outra consequencia não tivesse esta guerra, só por este resultado, bemdita seja a guerra.

Eduardo Pinto da Cunha.

Critica das letras'

Por á ultima hora se haverem empastelado alguns graneis do artigo de hoje, somos obrigados a transferir para segunda-feira a publicação da nossa «Critica das letras», do que pedimos desculpa aos nossos presados leitores e assinantes e ao nosso querido colaborador Alvaro Maia.

Os comicios

NÃO SE REALISAM

Informa «A Situação»:

«Tendo o governo conhecimento que, por occasião dos domicios que estavam para se realisar no proximo domingo em varias terras do país dariam alteração de ordem publica, transmittiu a todos os governador,es civis ordens para não permittirem esses comicios e bem assim indeferiu o requerimento da União Operaria que desejava levar a effeito um comicio em Lisboa.»

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 55, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

POLITICA

I — Os manifestos da U. S. O.

A *União dos Sindicatos Operarios* deve realisar hoje na sua séde uma sessão de propaganda contra a carestia da vida. Para convidar o operariado a essa sessão diversos manifestos foram distribuidos pelo povo, captando-lhes as simpatias com a glorificação dos assaltos feitos nos açambarcadores, considerando-os como justissimos actos da Justiça popular, chamando morte gloriosa á que uma mulher teve o ano passado, afogando-se em azeite!

Tudo isto é um signal evidente da anarquia em que nos debatemos. E coincidem exactamente estes protestos e estas verrinas com apreensões de armamentos e descobertas de *complots* revolucionarios, — o que nos leva a crer que mais uma vez, sem que por isso dê, a classe operaria seja arrastada a servir partidos politicos.

N'este manifesto que tenho diante de mim transparecem claramente os intuitos avançados de quem está á frente d'este movimento.

Basta ler-se um bocadinho onde se exclama: «Basta de tanto roubo. Basta de provocar tanta Fome. Basta de tanto Açambarcamento... » E depois, finalisando: «Abaixo os Patriotas Açambarcadores!»

Que significa isto? — Que a miragem da Russia esfrangalhada e retalhada sob a égide dos Imortaes Principios captiva a imaginação dos *avançados* portuguezes, que, embriagados pelo doutrinarismos funestos da Revolução, querem conduzir Portugal ás portas da agonia pelo caminho da «libertação» (!) fazendo a Revolução Social, como fez na Russia.

— Alguem será capaz de supôr o contrario?

III — O Sindicalismo e a Republica

Um outro trecho deste documento do orgão central do operariado português, eu quero tambem fixar aqui. Nele se escreve que:

Ha muito que o proletariado vem clamando, em vão, contra tam insustentavel situação. Na esperança de que os actuaes detentores do Poder, saidos duma revolução triunfante, seriam capazes de se oppôr á dominante oligarquia, foram-lhes entregues, ha nove longos mezes, as reclamações mais instantes da organisação operaria, para atender as quaes não seria ainda necessario operar uma transformação social, porque bem sabemos nós que taes transformações não são feitas pelos governos, mas pelos povos. Não fomos ouvidos.

O proletariado mantem ainda as suas ilusões sobre a compatibilidade entre o Sindicalismo e a Republica. A mistica politica que a crença no Progresso Indefinido lhe arraigou impede-o de verificar que essas duas organizações são perfeitamente antagonicas, e se excluem uma á outra.

Assim o escreve o sindicalista francês Georges Deherme, na sua resposta ao inquerito de Georges Valois:

«Je ne crois donc pas que le syndicat, non plus qu'aucune autre organisation sociale, puisse co-exister avec le parlementarisme.

Il faut que l'un des deux principes, celui d'organisation ou celui de dissolution, absorbe l'autre.»

Pelo facto mesmo de ter saído duma revolução triunfante, a republica do senhor Sidonio Pães é impotente para se oppôr á dominante oligarquia que nos esmaga, e, mais do que a qualquer outra, á classe operaria.

Democracia é sempre sinonimo de Demagogia, é sempre o regimen onde as oligarquias mandam e escravisam o povo. E a republica, como sua expressão pratica mais perfeita, é a mais irreductivel inimiga da organisação sindical, que lhe não permite a creação de oligarquias de parasitas.

E' ainda Georges Deherme na mesma carta a Valois quem escreve:

«La Republique parlementaire est le pire des gouvernements pour le classe ouvriere, puisque c'est celui de tous les parasitismes. Le travail n'est reconnu et heureux que dans l'ordre.»

Como querer então que a Republica garanta ao sindicalismo todas as suas liberdades e garantias? Ela sabe muito bem que cada sindicato que se forma, *quando a sua acção vae ser exclusivamente profissional e economica*, é uma força enorme de individuos que perde. Daí a sua lucta constante contra o operariado, quando este quer fazer valer a sua força e os seus direitos. Mais do que isso, como escreve outro sindicalista, Isidore Bonin, «le régime republicain pas plus que tout autre n'a favorisé le syndicalisme; actuellement des mesures vexatoires ou lois d'exception sont soutenues ou presentées par les bourgeois parlementaises de toutes nuances contre la classe ouvriére organisée.»

IV Solução Positiva

Verificada a irreductibilidade das doutrinas republicanas *(politicas)* com as doutrinas do sindicalismo *(economicas)* que solução pode ter a questão social?

— A Revolução social, ou o Rei, — como escreveu Valois na abertura do seu inquerito sobre «A Monarquia e as classes trabalhadoras».

Com efeito, só a Monarquia, pela virtude dos seus principios que lhe permitem pairar acima de todos os partidos e de todas as classes, bastantemente independente para manter entre todas um justo equilibrio e uma medida de Justiça que assegure o bom funcionamento da organização social. «De qualquer forma que seja concebida, escreve Valois nas conclusões do seu inquerito, a saude das classes trabalhadoras está ligada á restauração do Estado pela Monarquia; paralelamente, a saude da Monarquia está ligada á restauração das classes trabalhadoras pelo sindicalismo».

Desfeita a miragem da Revolução Social, teoricamente pela força da logica, praticamente pelos ensinamentos da Russia contemporanea, só o Rei pode manter e assegurar ao Sindicalismo a plena posse dos seus direitos e das suas reivindicações economicas.

«Car le Roi, escreve Valois, n'est ni une classe, ni un parti. Il est au-dessus des classes et ne connait pas les partis. Il est l'arbitre souverain des conflits sociaux. Lorsque nous allons á lui, si nous le saluons comme la vivante incarnation de l'interêt national, de l'intérêt de civilisation, nous le saluons aussi comme le haut ouvrier de notre salut de prolétaires, celui qui donnera á l'organisation de nos républiques ouvrières une assisse inébranlable.»

E para terminar, eu apontarei aqui o dilema que Valois pôs aos sindicalistas contemporaneos, depois de lhes mostrar que ao passo que a Revolução Social é a morte, a Monarquia será a vida e a prosperidade do Sindicalismo. Transcreverei as palavras firmes com que Valois encerra o seu valioso inquerito, e que deverão ser meditadas por todos quantos se querem dedicar ás questões economicas do operariado.

Eil-as:

«Uma vida sindical não servindo os interesses trabalhadores não tardará a se esgotar e a perder os valores heroicos que a fizeram nascer e a entreteem ainda. A desorganisação seguirá prontamente e pode-se dizer que o verdadeiro dilema posto ao Sindicalismo não é aquele que abre este inquerito, *a Revolução Social ou o Rei*, mas sim: *A Monarquia ou a Morte!*

Augusto da Costa.

PORTUGUESES!

Os prisioneiros de guerra passam privações

Enviai á Junta Patriotica do Norte — Paços do Concelho — Porto — generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

Expediente

Avisamos os nossos estimados assinantes de que estão á cobrança os recibos das suas assinaturas, rogando a especial fineza de satisfazerem as importancias dos mesmos no acto da apresentação, para nos evitar novas despezas de cobrança.

COMENTARIOS

Diferença de massa...

Diz «A Lucta»:

O que se teria dito, na imprensa republicana, se alguma das rainhas tivesse dado, na Pena, ás creanças de Cintra, uma festa como a de domingo.

Tem razão! O que prova mais uma vez que entre nós e «eles» ha uma diferença fundamental.

Motivos ocultos...

«A Situação», na sua resposta á «Patria!», como que dá a entender que houve motivos ocultos para a determinação da attitude do referido jornal, que aliás tem sido sempre a mesma.

Seria bom que se explicasse, para evitar qualquer «mal-entendido»...

Assim é que é...

Defendendo a sua doutrina de que «os vres», escreve a «Republica» em resposta a um nosso comentario:

E exactamente por a ter adoptado e que vai sacudindo agora «a toque de caixa» do seu territorio esses soldados alemães que não são nem nunca foram cidadãos livres, mas simples automatos, obedecendo passivamente á vergasta do instructor.

Está enganado o colega. A sua doutrina o que provocou foi o eufraquecimento da França e a sua invasão pelo inimigo. E se hoje o exercito francês «marca» é exactamente por ter regressado aos principios da antiga disciplina, convencido de que sem ele não pode haver exercito mas sim simples reuniões de homens livres — e portanto como que «inofensivos»!...

Escandalos...

Do jornal de Frei Adelino:

«Fala-se de escandalos. Vai-se a apurar e tudo redunda — em coisa nenhuma.

Positivamente os inimigos da situação não teem geito nenhum para inventar escandalos. Tinham, e muito, — para os fazer».

Tem razão o do suave *Milagre*! Como aquele do *colar de perolas* ainda cá não apareceu outro tão bem feito...

Eles doem-se!...

O redactor germanofilo da Republica todo se amofina por nós concluirmos logicamente das suas palavras que ha naquela casa gente que faz o *jogo dos alemães*!

Ao que parece a estocada foi em cheio... Eles até se mordem!...

A aproximação...

Volta-se a falar na reconciliação dos diversos partidos republicanos. O «Jornal da Tarde» apoia-a no seu editorial e diz que se trata da união dos republicanos *honestos*, apenas.

Se assim é, nem chegam á duzia!

A não ser que sejam *honestos*... á moda deles...

A Liberdade...

Do sr. Oliveira Barata no «Jornal da Tarde»:

«Hoje, hontem, sempre, será verdadeira a exclamação que deveria ser gravada na alma das multidões em vez de ser esculpida no marmore dos monumentos: «Oh! Liberté que de crimes on commet en ton nom!!!» Na verdade, todos os grandes crimes sociais teem esta caracteristica interessante; foram commettidos em nome da liberdade.»

Tem toda a razão. E tambem a temos nós quando bradamos:

O Cordeal e o seu Magriço...

Bernardino tambem tem o seu Magriço: — é o *Javenal do Norte*, aquele que ainda ha dias glosava o estafado e desacreditado mote da *fuga* de D. Manuel.

Javenal não pode ver, sem lhe cortar o coração, a impiedade com que certas creaturas trocam da *cordealidade* do brazilico ex presidente. E diz:

«O dr. Bernardino Machado — é facto — demonstrou-a inumeras vezes, demonstrou-a no seu trato pessoal numa camaradagem amenissima. Mas nos monstrou-a tambem numa vida de dedicação civica até ao sacrificio, sem jámais haver agravado os seus adversarios.»

Ah! pois não! O sr. Bernardino agravou lá alguma vez os adversarios!... Aquilo era uma joia. O amigo *Caracoles* que o diga, se ele não era uma santa alminha!...

Ainda Bernardino...

Continua o Magriço:

«Os pobres para quem o dr. Bernardino Machado teve constantemente, a toda a hora, abertas as portas do Palacio de Belem, sabem perfeitamente a lhaneza e a simplicidade com que ele os recebia sempre.»

Os pobres neste caso eram, é claro, o Armando de Azevedo — *tão bom rapazinho*... — o moleque Bourbon e aquele desgraçadinho que teve a infelicidade de matar — *sem querer*, é claro — o valoroso marinheiro Tenente Soares á porta do Francfort...

D. Antonio Barroso

São do insuspeito *Comercio do Porto* as seguintes palavras que representam uma merecida homenagem ao Venerando Prelado que a Morte roubou ao convivio do mundo:

«D. Antonio Barroso nunca soube o que era lisongear as multidões. Lá ao sertão da Africa não chegavam os olhos de gente esclarecida que lhe pudesse apreciar os sacrificios e espalhar a fama dos seus serviços á Patria e á Religião. Nos seus paços episcopais não se rodeava da grandeza que desiumbra, nem fazia ostentação do bem que fazia e que o conduzia a aspera, mas para ele consoladora situação, de não ter recursos para cuidar da saude perdida, nem deixar dinheiro para modesto enterro.

Isso nada tirou á sua nobre figura de prelado, antes a sublimou e divinisou. Olhando-o peramentado, todos se sentiam dominados pela magestade que exprimia: As suas vestes brancas de [illegible] falavam da sua vida [illegible] mancha; a mitra de duas pon[illegible]as dizia da sua sciencia [illegible] e do Novo Testamento; as luvas que lhe protegiam as mãos eram bem o emblema do desinteresse nas funcções sagradas do seu ministerio; empunhando o baculo, figurava-se-nos condignamente o pastor velando pelo rebanho e, reparando na sua modesta cruz peitoral, sabiamos vêr nela o simbolo de renuncia ás paixões humanas.

Todo ele era imponente, todo expressivo!

Contemplando-o na magestade da sua figura moral, quedamo-nos a pensar como ousou a politica investir contra esse grande homem, que era, ao mesmo tempo, um grande e leal português.

E bem depressa, recordando-nos do que haviamos lido no «Elogio da loucura», de Erasmo, achamos a causa de tais desatinos no que Erasmo diz, a proposito dos que governam os povos:

«Vêmo-os ressuscitar obsoletas pretenções a fim de cobrirem com a mascara do direito as suas monstruosas iniquidades. Verdade é que, feita a injustiça, se dignam, ás vezes, dirigir alguns cumprimentos ao povo, para não perderem a sua ateição, ao menos por um lado.»

Só no «Elogio da loucura» podia apparecer explicação para o modo como D. Antonio Barroso foi agravado por politicos, esquecidos do que lhe devia essa mesma Patria, que blasonam defender e engrandecer.

O dia do desagravo chegou, porém: Foi o dia da derradeira homenagem de um povo agradecido. Não a chegou a vêr o nobre português. Até nisso foi profito de abnegação christã e de generosidade clemente!»

Ao que *O Dia* comenta e muito bem:

«Como é que depois desse solenissimo desagravo que o *Comercio do Porto* tão oportunamente põe em relevo poderia dar-se como sucessor ao venerando prelado que foi tão martirisado pela republica quem se prestasse a *acomodar-se* com a mesma republica, embora separando-se da grandissima maioria dos catolicos da sua diocese, que é intransigentemente monarquica?!»

Bispado do Porto

Comentando umas irritadas palavras da *Liberdade* em que se faz a apologia da ida para o Porto dum bispo republicano, diz o *Diario Nacional* o seguinte:

«Haja seriedade», exclama o enraivecido orgão do Centro Catolico e do *ralliement*. E como quer «seriedade», não hesita em qualificar dolorosamente de *veto, de exorescencia do regalismo*, a legitima expressão de votos de catolicos, que não dispõem de nenhum poder publico, acerca dos excepcionaes requisitos a considerar no Prelado que, nas especiaes circunstancias presentes, ha de ir pastorear a sua diocese!

Monarquia e Republica, monarquicos e republicanos, no que diz respeito aos seus serviços e dedicação á Egreja, são equiparados pela tuba do *ralliement*, para declarar com inaudito despejo que a Egreja Catolica em Portugal deve tanto a uns como a outros; tanto aos que a honravam como religião oficial do Estado, como áqueles que a perseguem e teem por inimiga; tanto aos que praticam e sustentam o culto, tornando (possivel o seu exercicio e manutenção em Portugal, como áqueles que fazem gala de não professar a fé christã nem pertencer ao gremio da Egreja!

Viu-se já similhante afronta aos sentimentos catolicos e á piedade dos monarquicos portugueses e aos sacrificios que eles teem feito para cumprir os seus deveres para com a religião que professam.

Não é preciso que um Bispo seja conservador, declara o paladino do Centro Catolico; servir-lhe-ia um Bispo... radical, com assento na Maçonaria, correligionario do sr. Afonso Costa e do sr. José do Vale... E escreve-se isto, *num orgão catolico*, nas presentes condições da Egreja em Portugal!

Mas que admira? Não acaba a furibunda gazeta por fazer votos por que os monarquicos do Porto, que é como quem diz, a quasi totalidade dos catolicos da diocese, se retraissem e afastassem do seu Bispo — do Bispo *radical* visionado pela *Liberdade*?!...

Seria optimo! — brada num arranco de sinceridade o orgão do *ralliement*.

Decerto, seria *optimo*... porque então tinha a *Liberdade* o apetecido pretexto para se passar aberta e naturalmente para a Republica «sem vergonha do mundo». Era o *ralliement*... automatico.

Não se póde conceber nem tanta impudencia nem tanta inepcia juntas! O que vale é que os catolicos portugueses não lêem pela cartilha de semelhante gente, e que a sorte da Causa Catolica em Portugal não depende de semelhantes *defensores* — capazes de a comprometerem irremediavelmente, se ela fosse susceptivel de se perder!

Tem toda a rasão o nosso illustre colega! A Igreja não pode estar á mercê dos *negocios* pessoais de ninguem, ainda que se inculque seu *defensor*!

"A Monarquia"

Aceitam-se agentes nas terras onde os não haja.

A LIVRARIA FERREIRA

RUA DO OURO, 132 A 138

Tem o mais variado e completo sortido de livros estrangeiros, sobre Direito, Medicina, etc.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Talvez o leitor não acredite! Mas não ha nada por neste paiz do que aceitar a colaboração num jornal como «cronista» desta secção destinada á guerra europeia.

Claro está quando o cronista resolva encarar o problema com espirito imparcial e apenas sob o ponto de vista restrictamente técnico. Porque, no caso contrario, basta-lhe vasar diariamente meia duzia de baboseiras sem pés nem cabeça, referir em muito bom fom e com muito bom tom e com muito arreganho, uma grossa de barbaridades das mais inverosimeis, que se emfim, no cabeço dos alemães e depois cantar em «ré maior» um hino veemente á Justiça, mais ao Direito, mais á Civilisação, mais á Sociedade das Nações, etc., etc., etc.

Nestes casos tudo irá bem: jámais se incorrerá nas furias do Index-Expurgatorio, jámais se erricará a pelagem aos santos varões monopolisarem neste paiz o comodo e facil patriotismo de panturas, barriguinha cheia a tempo e horas, sem outros contratempos de maior—tudo menos risco de vida, ou sacrificio de algibeira...

Mas se o cronista resolve dizer, embora todos os cuidados e «ménagement» o que é negro... basta que o diapasão não atinga o maximo da escala em louvainhas patetas e em indignações ridiculas e... «teóricas» para que Ceu e terra desabem sobre o pobre de Christo que por fim... já nem sabe o que é inconveniente ou conveniente dizer—o que é «nefasto» e o que o não é, o que pode ser tomado por «negra traição» por meia duzia de santos cavalheiros incapazes, absolutamente incapazes de—em horas negras, que Deus afaste—tomarem duma arma para defenderem a sua terra.

Não se julgue que estamos divagando a Censura oficial, de quem, a não ser nos exortonicos em que ela era exercida por gentes de navalha de ponta e mola (symbolicamente falando, está claro...) —não temos de nos queixar, porque, desde que novamente está em vigor, ainda nem uma simples letra encontrasse nestas nossas cronicas que entendesse ser nefasto.

Aqui lhe agradecemos, porque gostamos de ser justos, o seu bom senso.

Então porque todo este nosso estendal de «lamurias» da nossa cronica de hoje?

Simplesmente para mostrar em quanto cuidado temos de avançar afirmações, ás vezes méras hipoteses, que quasi sempre, por que se trata de coisas faceis de prever, veem a «bater certo».

Não somos muito atreitos a «medos» mas sentimo-lo ás vezes, com a maior franqueza o dizemos, ao escrever aquelas cronicas.

Assim ha dias, ao tratar-se da recente contra-ofensiva de Foch, não calcula o leitor quanto hesitamos antes de nos decidirmos a «prever» que a progressão aliada iria quando muito até á «Linha de Hindemburgo»...

Mas emfim era o «que nos parecia» e portanto dissemo-lo.

Acentuando bem—e com toda a sinceridade, podemos jura-lo!—toda a nossa admiração pelo generalissimo francez e pelas suas bravas tropas.

Pois foi o bastante!

Logo se «rosnou»...

Prevenu-nos do caso o nosso querido amigo Dr. Antonio Sardinha e mais tarde de outras e outras pessoas não menos presadas.

E—coisa curiosa!—não era a Censura que cortava; não era o governo que nos ameaçava: eram umas certas almas santas e caridosas que... insinuavam ser tal e coisas» e germanofilismo para a direita e para a esquerda...

Tanto a Antonio Sardinha, como ás outras pessoas mostrámos o nosso espanto, que tambem era o seu.

Mas as coisas são o que são e não o que deviam ser...

Pois se ha gente que avalia o caracter, pelo cú, que é «moqua traca»...

Finalmente passamos mas continuámos...

Nós diziamos que a progressão aliada, como de resto era logico, iria neste verão até á «Linha de Hindemburgo», não é verdade?

Pois façam-nos o favor de ler este telegrama:

PARIS, 10—Os exercitos aliados encontram-se actualmente numa larga frente deante das linhas de Hindemburgo.

As posições que, ha dois mezes, serviram de base d'ataque, tornaram-se agora num logar de refugio para os alemães.

Prevê-se que em certas partes do teatro das operações tenha de haver uma paragem.

Se são possiveis e provaveis contra ataques locaes, a reação geral alemã é improvavel, porque os effectivos para tal necessarios não chegarão a tempo.

Se o avanço dos alliados parar ou afrouxar nalguns pontos, pode ter-se a certeza de que é para recomeçar noutros.

Alguns deslocamentos se darão, pois que é forçoso reagrupar as forças alliadas, em virtude do grosso das forças seguir em toda a parte, metodicamente e de perto, as vanguardas.

Posto isto, apenas nos resta insistir: aguardemos a primavera de 1919, que então se devem vêr grandes coisas.

11-9-918.

Saturio Pires.

Revista da imprensa

JORNAES PORTUGUEZES

O chefe democratico...

E' do «Dia» a seguinte curiosa local:

Diz hoje «A Manhã» que o sr. Afonso Costa assistira em França, para onde vae partir sua familia que tem estado na Beira, ao casamento de sua filha, contando demorar-se fóra do nosso paiz.

Segundo as nossas informações o chefe democratico voltara a Lisboa para reger na Faculdade de Direito, que abre em 15 d'Outubro, uma das cadeiras de Processo, tendo até pedido que lhe marcassem no horario as 8 horas da manhã.

Então, podem estar certos de que a «bernarda» ou é antes de 15 de outubro ou não é tão depressa...

Nada... que a vida está cara!...

A reconciliação...

D. «A Montanha», acerca duma possivel aproximação entre os republicanos e o governo:

Que o sr. Sidonio Pires, já convencido de que os monarquicos o não maltratam honesta e desinteressadamente, mas apenas por cabido procura por todos os meios apoiar-se nos partidos republicanos constituidos. Isto por estar tambem convencido de que «federalistas» não tem elementos capazes de levar, conseguintemente a barca da governação com bom rumo ao porto desejado.

Será verdade?

Se o que sabe...

Cremos que algumas «demarches» se teem já feito nesse sentido, se não directamente, pelo menos indirectamente e sob a responsabilidade aparente de terceiras pessoas — havendo quem as aprove e queira.

Mas, que dificuldade ha em fundi-los num só, se elles são todos... da mesma massa?...

O negocio dos azeites

«O Dia» dedica a este escuro caso um bem deduzido artigo de que destacamos alguns trechos:

Acaso não é um escandalo, criminoso até, a auctorização dada pelo sr. Machado Santos para a saida do paiz, em pleno caso de subsistencias, de 400 caixas de azeite, só porque o comerciante que as exportou não queria perder o dinheiro das latas axaroadas em que guardara o precioso liquido?

Não reconhece o orgão governamental que esse caso não será decerto isolado e que dezenas douros identicos deverá haver a registar?

Ouvimos o que disse, na camara dos deputados, sobre o ministerio das subsistencias de negra memoria, o secretario de Estado da Agricultura sr. Ov. Fernandes de Oliveira. Não o esqueceremos tão cedo. E por isso julgamos possivel que ali tenha havido as coisas mais espantosas.

Este caso do azeite não será mais do que uma apostila... sem valor, em relação ao resto.

Mas póde e deve servir de aviso e de pista, tanto mais que já por si tem bastante interesse».

Auctorisar, a simples beneficio dum negociante, a saida de enorme quantidade dum genero na grande falta se está sentindo de ha muito no paiz, não é cousa de pouca monta, embora seja licito supor que mais é peor se haja praticado.

E não é de admirar que assim aconteça, pois bem se sabe o que é a grande maioria—formam a minoria algumas e honrosas excepções—do pessoal das subsistencias, escolhido pelo sr. Machado Santos e com cujos habitos e costumes estamos todas as suas vontades dos bens intencionados.

A adoptar-se o criterio que ditou o despacho do sr. Machado Santos, reproduzido em nota oficiosa, onde iriamos parar? Acondicionando bem o carro os seus produtos, os negociantes podiam exportá-los á vontade, por maior falta que fizessem ao paiz!

Ora como esse criterio se seguiu, decerto, durante mezes, como causar espanto que tenhamos chegado ao estado presente?

O que admira é que, desde que os homens da republica nova dizem usar novos processos, trilhem o caminho dos da antiga, tentando demonstrar a sua superioridade em escandalo, o que tem todas as suas caracteristicas.

Para mais, trata-se dum caso em que nem sequer deve ter havido qualquer proveito material para o ministro que firmou o despacho. A honorabilidade pessoal do sr. Machado Santos está, como a do sr. Sidonio Pires, acima de qualquer suspeita.

Mas houve decerto um enredo em que esse ministro foi envolvido para proveito do negociante e dos seus «protectores», gente de tal força que, depois de servida, amenisou a digestão de bons bocados divertindo-se a estampar nas colunas de um jornal dado um telegrama ironico em que se troçava o sr. Presidente da republica.

E termina dizendo:

E melhor seria que a violencias inuteis se substituisse uma cuidadosa averiguação dos factos para que não mais ficasse vontade de interferencias estranhas dos mais legitimos interesses da vida economica do paiz, negociatas... axaroadas ou não.

O *Diario Nacional*, por sua vez, escreve:

O tendamento aduzido ao requerimento do exportador do azeite é duma puerilidade que excede todos os limites; o sr. Machado Santos que usar de toda a sua levandade, de toda a sua energia mas perdoa inconsciencia das responsabilidades do cargo... para que lhe confiaram, para favrar aquele despacho sobre tal pedido, e ainda por cima com a favravel recomendação do Alfandega, concernentemente ao axaroado das latas... Tudo está deixando ver, através desse processo estouvadamente organisado com um desprezo até das mais rudimentares formulas e aparencias, tão caracteristico de nossa administração republicana uma reles negociata, em que a paradisiaca inocencia do ministro deve ter sido embarilhado por alguns dos muitos meiros de bico amarelo que o bom do sr. Machado Santos foi achar não se sabe onde, e admiravelmente arvorou em altos funcionarios e espantosos sumidades da burocracia.

Mas por isso mesmo, uma vez produzido o escandalo, é do interesse de todos e de cada um directa ou indirectamente envolvidas na questão—mesmo dos provaveis culpados—e é tambem do interesse evidente do governo, pelo seu credito perante o publico, que se ataje ao fim a verdade do obscuro caso, punindo-se exemplarmente quem venha a descobrir-se ter prevaricado no exercicio das suas funções.

O nivel moral da administração do Estado tem descido inadmissivelmente acatles oito annos de regimen republicano. Habituado ao dissolvente especticismo desta gradual mas vertiginosa descida ladeira abaixo, o publico, que se importa